

REMINISCÊNCIAS DE GUERRA EM CURITIBA, PARANÁ, BRASIL: PROPOSTA DE UM ROTEIRO TURÍSTICO LOCAL

REMINISCENCE OF WAR IN CURITIBA, PARANÁ, BRAZIL:
A PROPOSAL OF LOCAL TOURIST ITINERARY

Alcimara Meira Gonçalves Andrukui¹

Aline Yuriko Iha²

Diego Rodrigues da Silva³

Leticia Bartoszeck Nitsche⁴

Recebido em 27/02/2015

Aprovado em 22/05/2015

¹ Mestranda em Turismo (UFPR), Bacharel em Turismo (UFPR) e Bacharel em Administração (UNESPAR/FAFIPAR). E-mail: alcimarameira@gmail.com.

² Bacharel em Turismo (UFPR). E-mail: li.yuriko@gmail.com.

³ Mestrando em Turismo (UFPR), Bacharel em Ciências Humanas (UFVJM). E-mail: dhiego.rodrigues@hotmail.com.

⁴ Doutora em Geografia (UFPR), Mestre em Geografia (UFPR), Bacharel em Turismo (UFPR), Professora do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Turismo (UFPR). E-mail: lticia@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma proposta de itinerário turístico em Curitiba com a temática de revoluções e guerras nacionais e internacionais a partir da análise da oferta turística pertinente. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, além de observação assistemática foi possível elaborar um itinerário composto por museus, restaurantes e centros culturais dispostos na área central de Curitiba. Como resultado, obteve-se uma proposta que, além de fornecer subsídios histórico-culturais, pode promover a sensibilização do público visitante com relação às batalhas e seus efeitos. Sob o ponto de vista do mercado, a proposta aponta uma possibilidade de incrementar a oferta turística existente na cidade. Sob a ótica acadêmica, a pesquisa pode contribuir com as discussões teóricas sobre o segmento de Turismo de Guerra.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo e desenvolvimento. Roteiros turísticos. Turismo de Guerra.

ABSTRACT

This article presents a proposal for a tourist itinerary in Curitiba with the theme of national and international revolutions and wars from an analysis of the relevant tourism supply. Through literature and documents, as well as nonsystematic observation, it was possible to draw up an itinerary consisting of museums, restaurants and cultural centers available in downtown Curitiba. As a result, a proposal was obtained that, in addition to providing historical and cultural subsidies, could raise visitors' awareness of the battles and their effects. From the market standpoint, the proposal points to the possibility of increasing the existing tourism offer in town. Under the academic perspective, the study may contribute to the theoretical discussions on the segment of war tourism.

KEY-WORDS

Tourism and development. Tourist itinerary. War Tourism.

1. INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade que tem na promoção das viagens um dos meios de realização, efetivando-se através dos recursos naturais e culturais ofertados por um determinado destino em questão. Uma das formas de estruturá-las se dá pela organização dos roteiros turísticos, principalmente sob a forma de itinerários que podem ter, segundo Bahl (2004), abrangência local (que é o de menor nível de abrangência) chegando até volta ao mundo (nível de abrangência máxima). Estes são resultado da sincronização de diversos fatores vinculados ao espaço geográfico, aos deslocamentos e ao tempo de duração, ao tipo de atrativos a serem visitados, ao caráter da demanda potencial bem como a gama de serviços associados. (BAHL, 2004). Aliado a isso, os roteiros representam uma possibilidade rentável de negócios e um meio eficaz de organização da oferta turística, promoção e comercialização de um destino, conforme reconhecido pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2007).

A adequada elaboração de um roteiro turístico é de suma importância para o bom desenvolvimento da atividade turística. Segundo o Programa de Regionalização do Turismo (PRT) (BRASIL, 2007), a identificação dos possíveis impactos socioculturais, ambientais e econômicos é uma das fases que melhor direcionam a condução do mesmo, numa ação preventiva de minimização dos impactos negativos. O monitoramento e avaliação destes é o que orientará o processo de tomada de decisões no sentido de aprimoramento e readequação do produto, facilitando “a determinação das metas e estratégias para o desenvolvimento sustentável da localidade turística” (SANTOS *et al.*, 2012, p. 8). Nesse sentido, o artigo¹ tem por objetivo propor um itinerário turístico cuja temática principal é revoluções e guerras nacionais e internacionais por meio da análise da oferta relacionada ao tema na cidade de Curitiba. Com o estudo, busca-se promover o conhecimento e disseminação da história e memória da Segunda Guerra Mundial e dos embates sulistas, além de contribuir para a diversificação da oferta turística de Curitiba.

¹ Uma versão preliminar da pesquisa foi apresentada sob a forma de trabalho na XX Semana Paranaense de Turismo (SEPATUR), organizada pela UFPR, realizada em Curitiba, de 04 a 08 de novembro de 2013.

Os procedimentos metodológicos contaram com o levantamento, a observação assistemática, as visitas orientadas e o teste do roteiro como técnicas metodológicas de coleta. Após a análise das informações coletadas, foi elaborada uma proposta de itinerário turístico, tendo em vista a organização dos atrativos segundo uma orientação urbana aliada a uma sequência de visita que privilegiasse o caráter educativo pretendido.

Intitulado “Reminiscências de Guerra em Curitiba”, este roteiro apresenta-se como uma possibilidade de desenvolvimento de uma nova temática para os roteiros tradicionalmente comercializados, podendo fortalecer a imagem da cidade, aumentar o período de permanência de turistas, bem como proporcionar uma forma organizada, educativa e proveitosa de lazer tanto para visitantes quanto para residentes.

2. ROTEIRO TURÍSTICO: DISCUSSÕES CONCEITUAIS

Cabe esclarecer alguns aspectos conceituais sobre as definições de roteiros e itinerários turísticos e também sobre o segmento de Turismo de Guerra.

Os antecedentes históricos e pioneiros das excursões que se aproximam da configuração do que conhecemos hoje por roteiro, encontram-se nas viagens dos desbravadores de riquezas naturais do período colonial (SANTOS FILHO, 2001). Descrições de jesuítas sobre o Brasil, a exemplo do padre André João Antonil que discorreu sobre os roteiros de viagens ao interior de Minas Gerais, possibilitam compreender a funcionalidade e relevância inicial desta atividade que, assim como o fenômeno turístico, tem seu desenvolvimento atrelado ao contexto capitalista de produção (SANTOS FILHO, 2001).

Dotadas de condições precárias de realização, condizentes com a realidade daquele dado período histórico, estes roteiros podiam durar meses envoltos a diversas emoções, podendo considerar que “toda viagem tinha um sentido de exploração, aventura e perigo” (SANTOS FILHO, 2001. p. 76). O mesmo autor considera que esses roteiros do século XVIII podem ser tratados como turísticos se analisados sob a lógica de um produto colocado como mercadoria para atender a interesses econômicos específicos de uma classe dominante. Relaciona-se assim, a tentativa de consolidação de uma produção do turismo com ares mais nacionais (SANTOS FILHO, 2001).

Cisne e Gastal (2009) analisaram o tratamento dado à temática de roteiro turístico no âmbito acadêmico nacional nos últimos anos através dos principais periódicos da área de turismo, publicações dos programas de pós-graduação, anais de encontros científicos e livros que trazem o debate da questão. Dentre as principais conclusões, os autores que mais se dedicaram são Bahl (2004), com as obras ‘Legados étnicos e ofertas turísticas’ e ‘Viagens e roteiros turísticos’, e Tavares (2002), com a obra ‘City-tour’, além do Ministério do Turismo, na esfera institucional, com o PRT - Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil (BRASIL, 2013), lançado em abril de 2004.

Segundo os autores, há uma diversidade de tipologias ligadas ao termo roteiro turístico, “tais como: circuito, excursão, itinerário e pacote turístico”, que muitas vezes geram confusões e são empregadas como sinônimos (CISNE, GASTAL, 2009, p. 7). Para a presente pesquisa, ressalta-se a distinção de que “apesar de ser apontado pela literatura como sinônimo de roteiro, o itinerário turístico não possui uma abrangência tão grande no que concerne a inclusão de serviços como os roteiros turísticos” (CISNE, GASTAL, 2009, p. 7).

As produções científicas de roteiro turístico, em sua grande maioria estão limitadas a questões operacionais e as definições restringem-se a tratá-lo como um produto mercadológico. Descrições de itinerários de viagens, contemplando variáveis como tempo e espaço são exemplos de tentativas que fogem desse reducionismo (CISNE, GASTAL, 2009).

O tema roteiro turístico ainda é tratado com limitações de senso comum e possui pouco conhecimento científico com discussões teórico-conceituais capazes de abarcar sua complexidade. De modo geral, o roteiro turístico em suas concepções teóricas é resumido a um itinerário de viagens/locais a serem visitados pelos turistas ou visitantes de uma localidade (CISNE, GASTAL, 2009, p. 11).

Bahl e Nitsche (2012) se aprofundam nas pesquisas e auxiliam a esclarecer a diferença entre roteiros de viagens e roteiros do tipo itinerários.

O primeiro deles está ligado a todo o processo de ordenação de elementos para a efetivação de uma viagem, pois comumente elaborado pelas operadoras de turismo, o roteiro é a designação dada à programação de uma viagem, onde são descritos os locais a serem visitados, os serviços oferecidos e as atividades previstas dentro de um pacote turístico (BAHL, NITSCHÉ, 2012, p. 40).

Por sua vez, o roteiro do tipo itinerário “tem como fundamento a distribuição de atrativos, infraestruturas e serviços dentro de um determinado espaço, onde fica evidente a ideia da demarcação de um itinerário” (BAHL, NITSCHÉ, 2012, p. 41).

O presente estudo tem como foco o roteiro do tipo itinerário, sendo que o mesmo pode servir como produto para a organização de um programa a ser comercializado por agências de viagens.

Para o presente estudo, considera-se roteiro turístico como um itinerário programado e organizado num contexto sócio-histórico específico dotado de uma certa cronologia em que os atrativos são dispostos de forma temática e otimizados em torno de uma orientação narrativa (elementos dispostos como se contassem uma história, brincando com a imaginação e a fantasia do visitante). Este reúne uma gama de serviços e utilidades para melhor satisfação do turista, propondo uma sequência diferenciada de exploração do patrimônio cultural, no intuito de aumentar a temporalidade e os gastos do visitante, além de maximizar a experiência turística (BAHL, 2004; BAHL, NITSCHÉ, 2012; BRAMBATTI, 2002).

Nitsche (2012), nesse sentido, ressalta o papel do itinerário para a ordenação da oferta turística, necessitando de uma articulação política entre o poder público, a iniciativa privada e sociedade civil organizada, no intuito de formatar um produto que seja amparado por uma gestão planejada da atividade.

Bahl (2004) destaca uma série de vantagens desfrutadas pelo turista que usufruirá o roteiro desde o momento da seleção: comodidade, segurança, conhecimento, adequação ao gosto individual, serviços inclusos, conhecimento de mundo. Estão condicionados a fatores de influência sobre as pessoas já que se destinam ao atendimento individual ou coletivo: tempo de lazer, renda disponível e vontade de viajar.

De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2007, p. 13), roteiro turístico é “um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro”.

Superando as definições em torno de tempo, espaço e tematização, Cisne (2011) trabalha sob uma nova lógica de pensamento do roteiro turístico. Amparada no paradigma moriniano da complexidade em oposição e superação do paradigma da simplicidade que por anos dominou os estudos da pesquisa quantitativa em turismo, ela o considera como um fenômeno complexo. Este é carregado de incertezas, questionamentos, contradições e complementaridades, integrando as visões econômica e social. Assim, a autora vem “propor um pensamento filosófico sobre Roteiro Turístico que considere o Sujeito do Turismo e, particularmente, incorpore a lógica dos fluxos” aliado às contribuições da tecnologia (CISNE, 2011, p. 363). Desta forma:

[...] o Roteiro enquanto objeto autônomo depende do Sujeito que o concretiza a partir da capacidade de organizar sua mobilidade no tempo e no espaço, valendo-se de conhecimentos prévios proporcionados pela tecnologia, que por sua vez, facilitou para a criação de imaginários e deu ao Sujeito condições para ‘tematizar’ seus Roteiros a partir de seus interesses subjetivos desenvolvidos por suas próprias ideias. (CISNE, 2011, p.364)

A esta problemática, Cisne (2011) acrescenta a desconsideração da relevância das viagens e do deslocamento no roteiro de turismo como o principal fator de produção da atividade. Esta surge da necessidade da mobilidade do sujeito caracterizando-o como um ser de constantes fluxos, que se transfere de seu lugar habitual na busca de um outro lugar, retornando àquele. Transformado estará este sujeito pelas novas experiências, realidades e todo legado cultural absorvido. A este respeito, Santos *et al.* (2012, p. 6) sinalizam que “é necessário conhecer os anseios dos consumidores objetivando adequar os destinos e regiões turísticas aos desejos da demanda”, uma adequação da oferta a partir da demanda.

Ao tratar do roteiro sob a perspectiva do sujeito e do fluxo, Cisne (2011) define os roteiros pós-modernos em detrimento dos tradicionais não como uma mera representação e exploração do lugar e seus atrativos, mas como uma expressão e organização das experiências e eventos que integram passado e futuro. Nesse contexto, a autora apresenta três coordenadas para sua compreensão. A primeira constitui o espaço geográfico sendo ele lugar ou não lugar, fixo ou fluxo. A segunda é chamada de sequência, ou tempo, fluxo, ocupando a temporalidade do sujeito. “Os fluxos são produto e resultante do espaço, da interpretação do Sujeito Turístico e de suas manifestações particulares” (CISNE, 2011, p. 366). Destas derivam a terceira coordenada, a experiência, já que a subjetividade do ser através de suas percepções e sensações é o que dará valor à atividade (CISNE, 2011).

Sob a lógica da passividade de atuação do sujeito, Cisne e Gastal (2009) analisam a conceituação de Bahl (2004) sobre roteiros turísticos afirmando que além da ideia implícita de produto rotulado produzido ao comércio, percebe-se a subjetividade de quem elabora esse roteiro e a orientação de execução de quem opera o mesmo sobre os pontos a serem explorados, ao considerar esse itinerário como uma cronologia de atrativos merecedores de serem visitados.

Ora, o interesse de cada ser humano, aqui encarado como turista, é variável e dependente de cada situação e local, no caso do Turismo, envolve fatores complexos como motivação e, ao considerá-lo sob a perspectiva de desejo, envolve as expectativas intrínsecas do ser turista frente àquela localidade visitada, ou seja, à subjetividade relativa no contexto desses atrativos merecedores de serem visitados (CISNE, GASTAL, 2009, p. 8).

O programa de Regionalização do Turismo (BRASIL, 2007) traz os conceitos de rota e roteiro. Apesar de serem tratados como sinônimos, rota e roteiro apresentam algumas diferenças. Rota pressupõe a existência de um ponto inicial e final do percurso numa continuidade de atrativos e roteiro é mais livre, “podendo o turista iniciar a visita em qualquer ponto do mesmo” (BRASIL, 2007, p. 7), além de poder cruzar outras rotas e regiões. (SANTOS *et al.*, 2012).

Em outro momento, aponta quatro contribuições da organização desses itinerários: atender aos anseios de uma demanda, ampliando-a, diversificar a oferta turística, desenvolver produtos complementares desafogando um segmento explorado em potencial e, conseqüentemente, consolidar e melhorar a imagem de uma destinação (SANTOS, *et al.* 2012). Nesse contexto, Lage e Millone (1991) também apontam que a procura por novos roteiros podem ser benéficos para o combate ao cansaço turístico decorrente da visitação exagerada de uma quantidade limitada de destinos e a ausência de novas opções de lazer.

Em relação às benesses de um roteiro, Crestani (2012) complementa que são ferramentas de resistência e legitimação de uma cultura e identidade específicos. Esta última, no processo de estruturação de um roteiro deve ser determinada a partir do reconhecimento da vocação turística, dando a “cara” do roteiro (BRASIL, 2007). Sua essência deve estar imbricada nos diferenciais do destino, “como algo próprio do lugar. Algo que só acontece ali e que faz a vantagem comparativa frente aos outros produtos e atrações” (BRAMBATTI, 2002, p.16).

Um roteiro turístico pode influenciar de forma positiva uma localidade ao qual se pretende implantar o turismo. Ele, por si só, já é um tipo de “planejamento” e se elaborado por profissionais especializados, minimiza impactos e estimula a economia, a cultura da localidade onde será implantado, além disso, a implantação de um roteiro turístico em uma determinada localidade pode trazer consigo uma melhora na qualidade de vida da comunidade anfitriã, valorizando-a por sua própria cultura. Desta forma, os roteiros turísticos incentivam a interação da comunidade com os turistas (CRESTANI, 2012, p. 11).

Kohler e Durand (2003), ao proporem uma metodologia para a elaboração de roteiros turísticos no estado de Pernambuco, argumentam que a proposição de novos roteiros cumpre um caráter pedagógico, ao criar novas oportunidades de aprendizado tanto para turistas quanto para a comunidade autóctone ao promover a interação de diversas culturas.

Em Portugal, o Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural (FIGUEIRA, 2013) é uma publicação que contribui para esclarecer vários aspectos conceituais e operacionais, como a proposta do denominado Roteiro-Base de Dados que deve conter o descritivo de vários itens, tais como: informação mapeada e de acesso fácil sobre as localizações; descrição detalhada dos atrativos culturais e naturais; indicação de vias de acesso; indicação sobre meios de hospedagem, alimentação e meios de transportes disponíveis; indicações de bens e serviços; além de outras indicações específicas (FIGUEIRA, 2013, p. 53-54).

Os roteiros, em sua elaboração, devem contemplar a dinâmica social ao qual está inserido, sendo uma representação da localidade e da realidade sociocultural explorada. Seu bom desenvolvimento dependerá da sua estrutura fundante. Ao potencializar a oferta turística de um destino, o roteiro também deve privilegiar uma visão humanística do ambiente, uma vez que utilizará de outros recursos e serviços disponíveis de uso da comunidade em sua composição (CRESTANI, 2012).

Trabalhar com uma sequência lógica, abarcando uma visão o mais holística possível é um diferencial relevante. Nesse sentido, a intuição, a criatividade e a pesquisa são habilidades necessárias (BAHL, 2004; CRESTANI, 2012).

A proposição de roteiros exige criatividade no seu planejamento e a oferta de bens e serviços bem delineados, contribui para a elaboração de produtos diferenciados ou de cunho personalizado (BAHL, 2004, p. 43).

É importante também obter informações sobre o produto, o consumidor e o destino que se quer empreender, tornando-se mais fácil quando se definem cenários que contemplem as distintas e várias ações positivas e negativas que o cercam. Alguns pontos devem ser observados: o produto deve atender as necessidades do público e ter a aceitabilidade do consumidor. Coloca-se, portanto, o turismo como um fenômeno interior, de resposta imaginária aos estímulos ambientais por um processo de observação, análise e síntese na proposição de novas ideias.

3. ROTEIROS TURÍSTICOS LOCAIS E O SEGMENTO DE TURISMO DE GUERRA

Segundo Pereiro (2002) é de grande interesse e motivação dos turistas a busca por uma infinidade de formas de Turismo Cultural. Utilizados como estratégia de desenvolvimento pelo poder público e como ferramenta mercadológica pelas agências de turismo, a cultura e o patrimônio cultural material e imaterial destacam-se como fomentadores desse novo segmento de mercado “e também para criar imagens-ícone de territórios, espaços e cidades em declive ou em processo de recuperação e/ou transformação” (PEREIRO, 2002, p.1).

Conteúdos culturais de roteiros na visão de Bahl (2004, p. 66), sintetizam-se como:

[...] o conjunto das manifestações oriundas dos indivíduos de uma comunidade, pode-se reunir os aspectos folclóricos, modos de vida, costumes, crenças e maneiras de encarar a vida, gastronomia, vestimenta, tipos de edificações, artesanato, manifestações artísticas e outros de caráter comportamental.

Nesse contexto, destacam-se os itinerários culturais como um circuito de visita que seja criado satisfazendo os critérios dos valores culturais, à memória histórica, à história, ao patrimônio cultural e à pluralidade de identidades de um território. Devem possibilitar os contatos não estereotipados e os intercâmbios entre os anfitriões e os turistas, respeitando o meio ambiente e os princípios do turismo sustentável, repensando a capacidade de carga dos atrativos (PEREIRO, 2002).

Desta forma, os itinerários culturais urbanos constituem-se em torno da utilização dos ambientes das cidades, construídos com determinados objetivos. Dentre eles, considera-se construir uma cidade habitável que seja compartilhada com os turistas, não feita para eles. Nesse sentido, os itinerários devem contemplar os turistas e a comunidade local ganhando uma importância didática e contribuindo para o autoconhecimento do próprio local. Este itinerário urbano deve ser elaborado

seguindo etapas que contemplem o conhecimento e diagnóstico do contexto sociocultural local, o estudo da demanda real e potencial e suas características comportamentais, bem como o essencial do processo: a definição do roteiro de acordo com um argumento ou tema (PEREIRO, 2002).

Aqui o tema, apresenta-se como uma questão aberta, isto é, o tema ou argumento pode variar desde o percurso vital de um escritor até um circuito ou rede de museus, depende sim dos recursos endógenos da cidade e os seus aproveitamentos. A pergunta de esta fase seria o que queremos comunicar? O problema aqui é construir uma imagem apropriada dos locais, o menos estereotipada possível e que transmita à população local o orgulho pelo seu património cultural, e que ao mesmo tempo seja útil para desenvolver práticas viáveis de turismo sustentável (PEREIRO, 2002, p. 4).

Nitsche (2012) desenvolve definições sobre o carácter temático normalmente expressado nos roteiros do tipo itinerário:

[...] é válido observar que um itinerário é comumente formatado com base numa temática, presente num município ou região, como a produção de determinado produto (vinho, cachaça, frutas, hortaliças, leite, panificação), a origem étnica da população (polonesa, italiana, holandesa, indígena, africana), um acontecimento histórico (tropeirismo, descobrimento do Brasil, ciclo do ouro), património cultural ou natural predominante (arquitetura, fósseis, achados arqueológicos, folclore, religião, parques naturais, cavernas, cachoeiras, praias), modo de vida (comunidades quilombolas, de faxinais, de ribeirinhos, indígenas, de pescadores, rurais). Essas temáticas devem estar alinhadas à real identidade de um lugar, sendo pensadas pela população e consagradas com o seu aval, evitando que se forje um símbolo apenas para servir de logomarca para a elaboração da comunicação visual do itinerário (material promocional, sinalização interpretativa entre outros meios a serem difundidos) (NITSCHÉ, 2012, p. 40).

Assim, o roteiro com base no segmento do Turismo de Guerra visa aproveitar esta temática que se faz presente no património material e imaterial do núcleo urbano de Curitiba, ainda inexplorada e pouco difundida ao público.

A elaboração destes roteiros pode contar com as orientações do Ministério do Turismo (BRASIL, 2007) através de um processo de roteirização em que atrativos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio ao turismo são organizados de forma integrada constituindo produtos. Este, ao buscar a diversificação da oferta turística, deve possibilitar que ela se torne mais rentável e comercialmente viável. Acessibilidade, distância e tempo em cada atrativo, qualificação da mão de obra, acolhimento e hospitalidade comunitária são alguns pontos a serem balizados na estruturação do roteiro (BRASIL, 2007).

Esta oferta, em suma, é composta por atrativos que são locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos, ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los (BRASIL, 2007). Podem ser categorizados, de acordo com sua especificidade, em atrativos culturais, naturais, atividades econômicas, realizações técnicas, científicas e artísticas e eventos programados.

O PRT (BRASIL, 2007, p. 37) sinaliza que os roteiros “sejam testados por meio de um laboratório experimental, que consiste numa visita técnica ao local”. A visita técnica cumpre a função de verificar a aplicabilidade da proposta, a realização e permanência das atividades no tempo previsto, elencando os pontos fortes e fracos e as melhorias a serem implementadas. Assim, esta técnica consiste em encontrar um equilíbrio entre o que foi proposto no programa e o que será efetivado na prática, minimizando os impactos negativos.

Em relação ao aspecto espacial, o itinerário proposto no presente estudo enquadra-se como um roteiro local central (urbano) por abranger os recursos de cunho turístico disponíveis dentro do território municipal e confinados ao núcleo urbano, de acordo com Bahl (2004). Ainda, ancora-se na definição de roteiros temáticos que se desenrolam em espaços específicos segundo a lógica de promoção e preservação dos pontos visitados em detrimento de roteiros panorâmicos, gerais, dependendo, portanto, da dimensão temática de cada proposta.

Esta classificação está centrada no “aspecto de ordenação de atrativos considerados de interesse para a elaboração de um roteiro e que servem de demonstrativo da paisagem e da cultura local (evoluções históricas, geográficas, urbanísticas, sociais e outras)” (BAHL, 2004).

Visam demonstrar os aspectos mais relevantes e atraentes de uma localidade, possibilitando uma panorâmica do conjunto, e destacar os aspectos sociais, culturais, históricos, econômicos ou mesmo de formação urbana, ou através da exploração de temáticas específicas (BAHL, 2004, p. 88).

Diante de tais discussões conceituais sobre roteiros e a importância de se explorar temáticas, fez-se necessário investigar sobre o segmento de Turismo de Guerra. Remontando a história de um país ou de uma região, o Turismo de Guerra apresenta-se como uma nova perspectiva de desenvolvimento, inclusive no Brasil (FRAGA, 2002).

O Turismo de Guerra surge como uma oportunidade de fazer com que o visitante possa conhecer lugares marcados pela ocorrência de conflitos internos e revoltas populares e que preservam expressões e fragmentos desses episódios por meio de museus, mausoléus, cemitérios, sítios arqueológicos, dentre outros (FRAGA, 2002).

A visita a esses lugares podem ser abordadas pelo segmento do “dark tourism”, que trata do ato de viajar e visitar os locais, atrações e exposições que retratam a morte, o sofrimento, ou práticas macabras com pessoas (IDTR, 2015, tradução nossa). O segmento também é conhecido como: “*morbid tourism, disaster tourism, grief tourism, black spot tourism e phoenix tourism*” (IDTR, 2015). Panosso Netto e Ansarah (2009) se referem ao termo “turismo mórbido”, como um segmento que aborda a visita a lugares relacionados à morte ou a desastres.

Outro segmento que pode estar relacionado às guerras é o Turismo Militar que é aquele em que os acervos militares e os recursos nacionais de índole histórica e militar são transformados em conjuntos de atividades culturais (lúdicas, educacionais, de entretenimento, dentre outras) e atrativos turísticos e, desta forma, conformam uma oferta turística voltada a uma determinada demanda (COELHO; FIGUEIRA, 2012).

Em Portugal é mantida uma proposta de “Carta Nacional do Turismo Militar” que pretende mobilizar organizações e população organizada na consolidação e operacionalização do conceito por meio da elaboração de produtos e ações relacionados ao Turismo Militar, tornando-o elemento estratégico da oferta turística nacional (CARTA NACIONAL DO TURISMO MILITAR, 2014). Ainda no âmbito português, o segmento ganha espaço dentro da Política Nacional, integrando um dos Programas de desenvolvimento de destinos turísticos que são abrangidos pelo Plano Nacional de Turismo 2013-2015 (PORTUGAL, 2013).

Embora Furtado (2011, p. 15) afirme que o Turismo Militar e o Turismo de Guerra sejam equivalentes, entende-se que este último está voltado à memória dos enfrentamentos, sendo, portanto, mais apropriado à temática deste artigo. O público-alvo do Turismo de Guerra é abrangente e diversificado: visitantes que estão em lazer, interessados em História, visitas cujo

intuito é educacional, veteranos de guerra e seus familiares (SHARPLEY; STONE², 2009 *apud* FURTADO, 2011). Esses visitantes desejam “consumir história de uma forma profunda, afetiva e pessoal”, buscando viver a situação tal qual se apresentou no passado (GATEWOOD; CAMERON³, 2004, p. 194 *apud* FURTADO, 2011, p. 24).

Amorim e Pires (2010) colocam que os remanescentes da II Guerra Mundial, por exemplo, estão presentes em diversos monumentos, campos de concentração, bairros judeus na Europa que foram transformados em atrativos turísticos. Um dos maiores destaques é o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau na Polônia transformando-se num museu em 1946 e passando a integrar a Lista de patrimônios mundiais da Unesco em 1976. Dotado de autenticidade e originalidade, é um marco do Holocausto, atraindo cada vez mais turistas ao longo dos anos. O Memorial aos judeus mortos da Europa ou Memoriais do Holocausto no centro de Berlim também instaura a temática da II Guerra no mercado turístico por meio de um campo de blocos de concreto alinhados e um centro de informações turísticas. Na França, destaca-se a Basílica de Nossa senhora da Guarda, em Marselha, símbolo bélico da resistência e libertação francesa (AMORIM e PIRES, 2009) além de um museu nos arredores de Paris totalmente dedicado a Primeira Guerra Mundial (ISTOE, 2012).

O Brasil, cuja participação na II Guerra Mundial se deu através da Força Expedicionária Brasileira (FEB), também possui edificações como o Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra no Parque do Flamengo no Rio de Janeiro, a Casa da FEB e mais de 200 monumentos espalhados pelo país (AMORIM, PIRES, 2009), no intuito de homenagear e, ao mesmo tempo, lembrar os momentos de sofrimento vividos por muitas famílias.

Quanto ao segmento de Turismo de Guerra no país percebe-se que ainda está começando. Uma das primeiras iniciativas brasileiras desta modalidade foi idealizada pelo professor Nilson Cesar Fraga através da criação do NPTG (Núcleo de Pesquisa em Turismo de Guerra), do curso de Turismo das FIC (Faculdades Integradas Curitiba) que juntamente com um grupo de alunos discutiu e elaborou o primeiro roteiro de Turismo de Guerra do Brasil, na Região do Contestado, localizada nos atuais limites dos estados de Santa Catarina e Paraná, palco de uma revolta de mesmo nome ocorrida entre os anos de 1912 e 1916 (HOBAL, MEDEIROS & FRAGA, 2009).

² SHARPLEY, R.; STONE, P. **The darker side of travel** – the theory and practice of dark tourism, Aspects of Tourism Series. Bristol, (UK): Channel View Publications, 2009.

³ GATEWOOD, J.; CAMERON, C. Battlefield Pilgrims at Gettysburg National Military Park. **Ethnology**. Pittsburgh (PA): v. 43, n. 3, p. 193 – 216, 2004.

Outro exemplo é o projeto de instalação do roteiro turístico da Guerra de Canudos no fim do século XIX, em Monte Santo, onde viveu Antônio Conselheiro, no sertão baiano, segue em fase de implantação através de um grupo de pesquisadores da Universidade do Estado da Bahia (NORDESTURISMO, 2011).

A partir destas experiências, assim como da oferta existente em Curitiba, foi proposto um itinerário que contribuirá tanto para a vivência dos espaços quanto para a fixação do aprendizado histórico dos embates.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório e qualitativo (VEAL, 2011; CRESWELL, 2007) que se destina à proposta de um roteiro turístico local para a cidade de Curitiba, focado na temática de guerra.

Para compor o itinerário foram selecionados atrativos localizados na cidade de Curitiba que tivessem representatividade e identidade com o tema. São museus e centros culturais responsáveis pela preservação de objetos que foram utilizados em campos de batalha, ou ainda que serviram de palco para reuniões, embates, locais em que foram pensadas estratégias de guerra. Cada atrativo possui um motivo de escolha que o integra à temática central. A sua organização se deu em torno da proximidade geográfica dos mesmos, dispostos estrategicamente, possibilitando diversas formas de realização.

Visto a importância de se estruturar um roteiro com base de dados como elemento estruturante da roteirização (FIGUEIRA, 2013), dentre as técnicas metodológicas de coleta de dados, destaca-se o levantamento dos museus e centros culturais junto aos sítios da *internet* e aos materiais de divulgação local. Aliado a este, a observação sistemática dos possíveis atrativos que atendessem aos critérios de representatividade, relevância e vinculação ao tema. Pradonov e Freitas (2013) destacam que esta é uma observação planejada atendendo a condições controladas, pois o pesquisador conhece os aspectos do fenômeno, importantes para alcançar os objetivos. Para isso, é necessário um plano de observação que relaciona antecipadamente as categorias a serem analisadas no campo. Gil (2008) coloca que o registro das informações da observação deve ser feito em folhas

de papel, onde estão estabelecidos alguns critérios, formando a lista das categorias a serem consideradas, além de estar atento às unidades de tempo.

Esta primeira fase serviu de base para as visitas orientadas aos locais pré-selecionados a fim de compor o rol de atrativos da proposta. A etapa seguinte referiu-se ao teste do roteiro com o intuito de simular a realização do programa estabelecido e perceber a integração dos atrativos com a temática central. Estas ações foram responsáveis pelo planejamento e idealização da proposta, sinalizando algumas alterações pertinentes para a melhor elaboração e resultados satisfatórios.

5. POTENCIAL PARA O SEGMENTO DE TURISMO DE GUERRA EM CURITIBA

Curitiba possui uma diversificada oferta turística, apoiada substancialmente em seus parques e em seu planejamento urbano. Há que se citar ainda os equipamentos que dispõe para realização de eventos técnico-científicos, feiras e exposições. Entretanto, a capital paranaense possui elementos histórico-culturais que podem ser trabalhados, ampliando suas possibilidades enquanto destino turístico.

5.1 PROPOSTA DO ITINERÁRIO TURÍSTICO

A proposta de roteiro turístico local possui temática de guerras, revoluções e demais conflitos que aconteceram no sul do Brasil e no mundo. Os atrativos selecionados estão descritos abaixo e o trajeto para visitá-los na ordem aqui indicados tem aproximadamente 6,8 Km de percurso.

5.1.1 Museu do Holocausto - sito à R. Cel. Agostinho Macedo, s/n (Centro Cívico) – Entrada gratuita

O atrativo foi inserido no programa porque remete aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Este é o primeiro museu com a temática judaica no Brasil. De acordo com os idealizadores do museu, as atividades são baseadas em quatro pilares, a saber: Memórias, Documentação, Investigação e Educação. Os principais objetivos do espaço são: lembrar o holocausto entre a sociedade paranaense, comunidades e entidades judaicas no Brasil e no mundo e, desta forma, disseminar o repúdio ao ódio e intolerância em todos os sentidos, para que haja a convivência mútua e pacífica entre os povos.

O acervo é formado por itens únicos, por exemplo, um sapato, uma foto, uma boneca, um passaporte carimbado com a letra “J”, que identificava o prisioneiro. O ambiente é todo trabalhado para que aquilo é visualizado e ouvido seja processado da maneira mais reflexiva possível.

5.1.2 Museu Paranaense - sito à R. Kellers, 289 (Centro) – Entrada gratuita



Figura 1: Museu Paranaense.

Fonte: Os autores (2014).

Um dos motivos que levam a inclusão do Museu Paranaense ao programa é o fato de que durante mês de março (2013), quando da elaboração e teste do roteiro, o museu abrigava a exposição “A Guerra do Contestado”. Este conflito ocorreu entre os anos 1912 e 1916, envolvendo a população sertaneja e tropas militares, onde aproximadamente 20 mil mortos e milhares de feridos. Há mapas, documentos, fotos e objetos para relatar os fatos e a representação da Gruta do Monge que mostra a religiosidade do caboclo. A exposição também trata a história de José Maria e João Gualberto, dois personagens que morreram na Guerra do Irani. O museu guarda ainda a espada de Gumercindo Saraiva, um dos líderes das tropas dos rebeldes (maragatos) na Revolução Federalista contra o Governo de Floriano Peixoto. A espada representa o ressarcimento das moedas de ouro roubadas do

museu pelos seus soldados. Sendo assim, um objeto que relembra uma das mais sangrentas batalhas ocorridas no sul do Brasil.

5.1.3 Solar do Barão - situado à R. Carlos Cavalcanti, 553 (Centro) – Entrada gratuita



Figura 2: Solar do Barão.

Fonte: Os autores (2014).

Localizado à Rua Presidente Carlos Cavalcanti nº 533, o Solar do Barão serviu de residência para a família do Sr. Ildefonso Correia, o Barão do Serro Azul, empresário – de erva-mate e madeira – e político de grande prestígio no Império. Foi construído em 1885, pelos engenheiros italianos Ângelo Vendramin e Batista Casagrande, sendo considerado um remanescente das residências da elite curitibana daquela época. Sua escolha para o roteiro turístico local se deu porque nele aconteceram reuniões para definir estratégias para a condução das negociações com Gumerindo Saraiva, quando da Revolução Federalista (1893-1895). Após a execução do Barão, a casa foi ocupada pelo 5º Distrito Militar, e de 1912 a 1975 pelo Exército. Em 1980 foi restaurada pela prefeitura e hoje é um espaço cultural da cidade, local de exposições e oficinas educativas, artísticas e culturais.

5.1.4 Restaurantes



Figura 3: Bares Mignon e Triângulo (esquerda), Confeitaria das Famílias (direita).

Fonte: Os autores (2014).

A temática é de guerra, por isso, para a alimentação procurou-se estabelecer a seguinte relação: indicar estabelecimentos tradicionais que já funcionavam na época em que aconteceu a Segunda Grande Guerra (1945) e a Guerra do Pente (1959)⁴. Por questão de localização e logística, foram selecionados o Bar Mignon, o Bar Triângulo e a Confeitaria das Famílias, todos na Rua XV de novembro. O Bar Mignon iniciou suas atividades em 1925. Na década de 1950, servia como ponto de encontro de políticos. Dentre as opções de lanche, se destaca o “pernil com verde”, que leva pão d’água, pernil e cheiro verde. O Bar Triângulo foi fundado em 1934 e o seu lanche mais conhecido é o cachorro-quente com cheiro verde. A Confeitaria das Famílias é outro exemplar de estabelecimento que carrega consigo os atributos de antiguidade. Foi inaugurada em 1945 e até hoje mantém algumas das receitas daquela época.

⁴ A Guerra do Pente foi um protesto iniciado em 1959, onde várias lojas de imigrantes, bem como alguns estabelecimentos do centro, foram depredadas. O estopim ocorreu com a solicitação da emissão de um comprovante fiscal proveniente da compra de um pente.

5.1.5 Museu do expedicionário – Praça do Expedicionário (R. Ubaldino do Amaral, 927, Alto da Glória) – Entrada gratuita



Figura 4: Praça do Expedicionário.

Fonte: Os autores (2014).

O acervo do museu, fundado em 1946, procura retratar a participação do Brasil (por meio da Força Expedicionária Brasileira, da Força Aérea Brasileira e da Marinha de Guerra do Brasil) na Segunda Guerra Mundial. No museu há fotografias, filmes, mapas, livros e ilustrações. Já na Praça do Expedicionário, que fica a frente do museu, estão expostos um tanque e um avião de guerra P-46D Thunderbolt das forças armadas brasileiras. Os atrativos do roteiro seguem demarcados na figura abaixo:

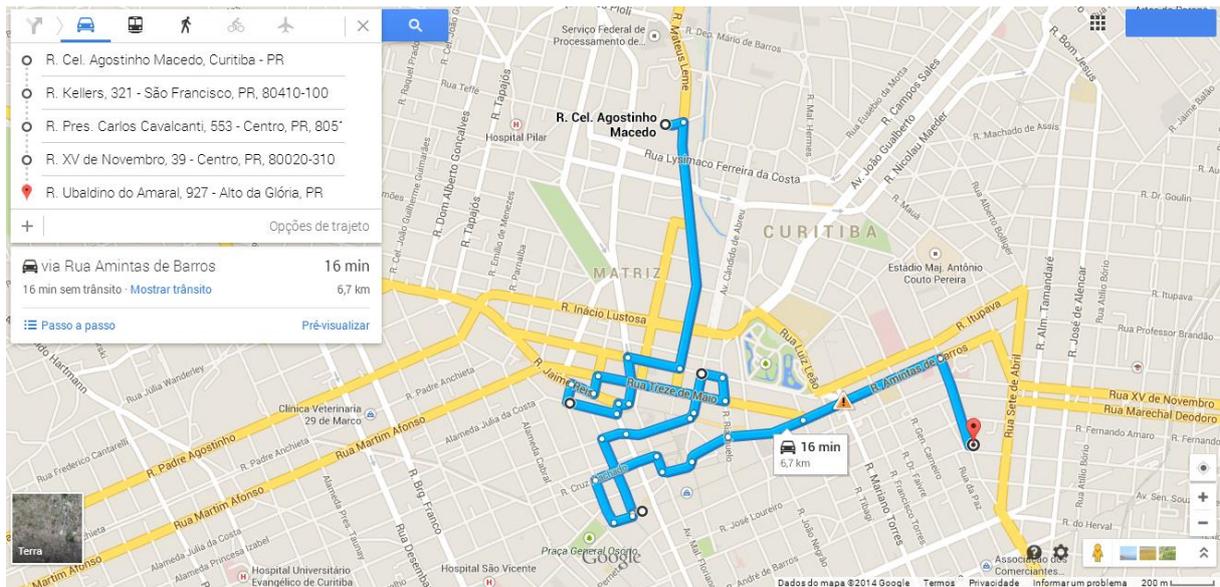


Figura 5: Trajeto do itinerário proposto

Fonte: www.google.com.br.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe considerar que as discussões conceituais sobre a terminologia inerente aos roteiros, principalmente quanto ao discernimento entre roteiros de viagem e itinerários, foi primordial para o desenvolvimento do trabalho. Vale frisar que não caberia elaborar uma proposta de roteiro de viagem, com meios de transporte, horários fixos, alimentação e acompanhamento de guias, a ser comercializado como um pacote turístico. Entretanto, foi proposto um roteiro do tipo itinerário que pode ser consumido tanto diretamente pelos moradores e turistas quanto dentro de programas de roteiros de viagem comercializados por agências de receptivo local.

Em relação à diversificação da oferta turística e a expansão da atividade, o roteiro Reminiscências de Guerra em Curitiba surgiu como uma proposta de elaboração de um itinerário local composto por marcos e outros atrativos que remetem às revoltas e guerras de alcance nacional e internacional. A proposta está em consonância com Pires e Amorim (2009), para quem o segmento do Turismo de Guerra é parte integrante do Turismo Cultural, explorando a história de lugares mundialmente conhecidos, valorizando e preservando o patrimônio histórico e cultural, além de contribuir para a conservação da memória e identidade coletivas. Perante o descaso e desvalorização sofridos pelos monumentos que homenageiam os combatentes da II Guerra, o turismo pode ser uma ferramenta de ressignificação desses espaços (PIRES E AMORIM, 2009).

A discussão teórica sobre o turismo de guerra contribuiu ainda para compreender a interface com o turismo militar e uma relação mais distante com o *dark tourism*, visto que o itinerário apresentado não está centrado exclusivamente no tema da morte, mas sim nos eventos de revoltas e guerras que as causaram, compondo um conjunto de fatos históricos, estratégias militares, potencial bélico, bens patrimoniais, personalidades e até mesmo histórias de vida das pessoas comuns.

Do ponto de vista dos residentes, é possível afirmar que estes poderão aprender mais sobre o passado e valorizar o que possuem no presente. No contexto do planejamento turístico, tratar de um tema como este significa dar espaço a novas propostas de divulgação da cidade vinculadas a temáticas ainda inexploradas.

Busca-se despertar a atenção dos residentes e de um público consumidor formado por turistas contemporâneos, mais exigentes, informados, atualizados e interessados em experiências culturais.

REFERÊNCIAS

BAHL, M. **Viagens e Roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BAHL, M.; NITSCHÉ, L. B. Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. In: RAMOS, S. P. (Org.). **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, v. 1, p. 37-54, 2012.

BRAMBATTI, L. E. (org.) **Roteiros de turismo e patrimônio histórico**. Porto Alegre: EST, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: roteirização turística – módulo operacional 07**. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/modulox20operacional_7roteirizacao_turistica.pdf. Acesso em: 29/05/2014.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes**. Brasília, 2013. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/PROGRAMA_DE_REGIONALIZACAO_DO_TURISMO_-_DIRETRIZES.pdf>. Acesso em: 29/05/2014.

CARTA NACIONAL DO TURISMO MILITAR: do conceito à operação – Proposta de Intervenção. 2014. Disponível em: <http://turismomilitar.ipt.pt/?pagina=organizacao>. Acesso em: 25/05/2015.

CISNE, R. N. C. por um pensar complexo do turismo: o roteiro turístico sob a lógica dos fluxos. **Revista do programa de pós-graduação em turismo**. Caxias do Sul: UCS, vol. 3, nº 3, 2011.

CISNE, R. N. C.; GASTAL, S. **A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação.** VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. UAM/SP, 2009.

COELHO, J. P.; FIGUEIRA, L. M. **Turismo Militar como segmento do Turismo Cultural: ativação turístico-cultural do patrimônio militar nacional.** Documento de trabalho – Escola Superior de Gestão de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar. Tomar, 2012. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/217026904/Joao-Pinto-Coelho#scribd>. Acesso em: 25/05/2015.

CRESTANI, V.T.V. Estudo de viabilidade de implantação de um roteiro turístico abrangendo algumas igrejas e o Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha/MG. **Gestão em foco: revista on line**, 5. ed. 2012. Disponível em: http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/marco12/artigos/gestao/20122/estudo_de_viabilidade.pdf. Acesso em 07/05/2013.

FIGUEIRA, L. M. **Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural.** Instituto Politécnico de Tomar, Centro de Estudos Politécnicos da Golegã - CESPOGA, 2013. Disponível em: http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPOGA2013.pdf. Acesso em 26/05/2015.

FRAGA, N. C. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco Inicial – Guerra do Contestado (1912-1916). **Revista PerCurso – Curitiba em Turismo**, a. 1, n. 1, p.43-76, 2002.

FURTADO, A. V. P. **Turismo Militar no Concelho de Peniche.** Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Estoril (Portugal), 2011. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/2458>. Acesso em 25/05/2015.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOBAL, M. A.; MEDEIROS, W. R.; FRAGA, N. C. **Análise da percepção do turismo de guerra: uma viagem à luz daqueles que o percorreram.** Observatório Geográfico da América Latina, 2009.

INSTITUTE FOR DARK TOURISM RESEARCH (IDTR). Frequently asked questions. 2015. Disponível em: <http://dark-tourism.org.uk/faqs>. Acesso em: 26/05/2015.

ISTOE independente: Turismo de Guerra: Locais onde ocorreram confrontos sangrentos atraem visitantes interessados em experiências que aliam lazer e cultura. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/185632_TURISMO+DE+GUERRA. Acesso em 22/09/2013.

KOHLER, A.; DURAND, J. **Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo em Pernambuco: Metodologia de Criação de Novos Roteiros Turísticos.** Anais eletrônicos do 26º ENANPAD, 2003.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Economia do Turismo.** Campinas: Papyrus Editora, 1991.

MACÊDO, J.B.P.; FERREIRA, E. G.; CARNEIRO, I.A. Roteiro turístico na região dos lagos do município de Pracuúba – AP. **História Ambiental & Turismo**, v. 4, n. 1, mai., 2008. Disponível em: www.periodicodeturismo.com.br Acesso em 12/05/2013

NITSCHÉ, L. B. **Desvendando o espaço vivido na comunidade de Guajuvira e sua relação com o turismo, em Araucária, Paraná (PR)**. Tese de Doutorado: Programa Pós-Graduação em Geografia, UFPR, 2012.

NORDESTE TURISMO. Roteiro turístico refaz caminho da guerra de canudos. 2011. Disponível em: <http://www.nordesturismo.com.br/noticias/roteiro-turistico-refaz-caminhos-da-guerra-de-canudos/>. Acesso em 22/09/2013

PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. **Segmentação do Mercado Turístico**. Barueri, SP: Manole, 2009.

PEREIRO, X. Itinerários turístico-culturais: análise de uma experiência em Chaves. III Congresso de Trás-os-Montes. **Actas...** Bragança. 2002. Disponível em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urbano.pdf. Acesso em: 15/09/2012.

PIRES, M. J.; AMORIM, M. M. II Guerra Mundial e o Turismo: A utilização dos remanescentes da II Guerra Mundial para o Desenvolvimento do Turismo Cultural. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. São Paulo, v. 4, n. 2, 2010-2. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.02_Mariana_e_MJPires.pdf>. Acesso em: 12/09/2012.

PORTUGAL. **Resolução do Conselho de Ministros n.º 24/2013**. Diário da República, 1.ª série — N.º 74 — 16 de abril de 2013. Disponível em: <http://legislacaoportuguesa.com/resolucao-do-conselho-de-ministros-n-o-242013-d-r-n-o-74-serie-i-de-2013-04-16/>. Acesso em: 25/05/2015.

SANTOS FILHO, J. Ordem Régia de Censura a Roteiros Turísticos do Século XVIII: André João Antonil no Índex. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo: ECA/USP. v. 12, n. 1, 2001. Disponível em: www.revistas.usp.br/rta/article/download/63530/66275. Acesso em: 29/05/2014.

SANTOS, L.L.G.; SANTOS, C.A.J.; CAMPOS, A.C. Regionalização do turismo no Brasil e a descentralização do turismo no estado de Sergipe: o caso do roteiro cidades históricas. XII Colóquio Internacional de Geocrítica. **Anais...** Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia, 2012.